



Identidade profissional da enfermeira: possibilidades investigativas a partir da sociologia das profissões

Juliana Guisardi Pereira

juguisardi@yahoo.com.br

Maria Amélia de Campos Oliveira

macampos@usp.br

Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Resumo

Passados mais de 100 anos de profissionalização da Enfermagem, a identidade profissional da enfermeira continua marcada por cuidado maternal, supremacia do saber médico, formação centrada na técnica e na doença e pouca visibilidade social no que diz respeito ao seu trabalho específico: o cuidado individual e coletivo. O presente estudo, de natureza bibliográfica, teve por objetivo identificar possibilidades investigativas sobre a identidade profissional da enfermeira a partir do campo teórico da Sociologia das Profissões. As profissões passaram a ser objeto de estudo da Sociologia na década de 1930, tendo suas bases epistemológicas associadas a busca de compreensão sobre o conceito de profissão, transformação das ocupações em profissões, função social das profissões e implicações de seu desenvolvimento. Observa-se a seguinte sucessão de paradigmas explicativos do fenômeno profissional: funcionalista, interacionista-simbólico, teses do poder profissional e abordagem sistêmica e comparativa. A perspectiva da Sociologia das Profissões permite analisar criticamente as concepções prevalentes sobre a Enfermagem e seu papel na sociedade, a participação do Estado ao forjar a "identidade para o outro", o qual criou modelos e estereótipos para o perfil profissional enfermeira, conformando o *habitus* dessa profissional; as questões de gênero e poder, notadamente a relação médico-enfermeira e sua segmentação interna, o movimento associativo do início do século passado e, mais recentemente, as lutas políticas travadas junto às instâncias político-legislativas brasileiras. Tais questões encontram campo fértil para análise a partir da Sociologia das Profissões, favorecendo a desconstrução e reconstrução da identidade profissional da enfermeira, bem como para a assunção de um posicionamento mais proativo pelo grupo profissional, no sentido da *construção de si*.



Palavras-Chave: Metodologias Qualitativas; Paradigmas; Sociologia das Profissões; Enfermagem; Identidade Profissional

Abstract

After more than 100 years of Nursing professionalization, nurses' professional identity remains marked by maternal care, medical knowledge' supremacy, training focused on technique and disease and low social visibility with regard to their specific work: the individual and collective care. The present study consists in a literature review that aimed to identify investigative possibilities on nurse professional identity in the theoretical field of Sociology of Professions. The professions became the object of study of sociology in the 1930s, with its epistemological foundations associated with the pursuit of understanding the concept of profession, the transformation of occupations in professions, professions' social function and the implications of its development. The following sequence of explanatory paradigms of professional phenomenon can be identified: functionalism, symbolic interactionism, professional power theses and systematic and comparative approach. The perspectives of the Sociology of Professions allows to critically analyze the prevailing conceptions about Nursing and its role in society, the State's participation in forging the "identity to another", which created models and stereotypes for nurses' professional profile, shaping the professional *habitus*, gender issues, power (especially in the doctor-nurse relationship and the profession internal segmentation), associative movement of the early twentieth century and, more currently, the political struggles waged along political and legislative bodies to Brazil. Such issues are fertile ground for analysis from the Sociology of Professions, favoring the deconstruction and reconstruction of nurses' professional identity of as well as the assumption of a more proactive position by occupational group, towards building its own identity.

Keywords: Qualitative research; Paradigms; Sociology of Professions; Nursing; Professional Identity.

Resumen

Después de más de 100 años de profesionalización, la identidad profesional de la enfermera sigue marcada por atención maternal, supremacía de los conocimientos médicos, formación centrada en la técnica y la enfermedad y baja visibilidad social en cuanto a su trabajo específico: la atención individual y colectiva. El presente estudio consiste en una revisión de la literatura, con el objetivo de identificar las



posibilidades de investigação sobre a identidade profissional de a enfermeira em el campo teórico de la Sociología de las Profesiones. Los grupos profesionales han llegado a constituir el objeto de estudio de la Sociología en la década de 1930, con sus fundamentos epistemológicos implicados en la búsqueda de la comprensión del concepto de profesión, la transformación de las ocupaciones en las profesiones, la función social de las profesiones y las implicaciones de su desarrollo. Se observa la siguiente secuencia de paradigmas explicativos del fenómeno profesional: funcionalismo, interaccionismo simbólico, las tesis del poder profesional y el enfoque sistemático y comparativo. La perspectiva de la Sociología de las Profesiones permite analizar críticamente las concepciones predominantes de la enfermería y su papel en la sociedad, la participación del Estado en la creación de “la identidad del otro”, que crea modelos y estereotipos para el perfil profesional de la enfermera, formando el *habitus* profesional, cuestiones de género y poder, especialmente la relación médico-enfermera y la segmentación interna de la Enfermería, el movimiento asociativo de principios del siglo XX y, más actualmente, las luchas políticas emprendidas a lo largo de los órganos políticos y legislativos en Brasil. Estas cuestiones son un terreno fértil para el análisis de la Sociología de las Profesiones y favorecen la deconstrucción y reconstrucción de la identidad profesional de las enfermeras, así como la asunción de una posición más proactiva por parte del grupo profesional, hacia la construcción de su propia identidad.

Palabras clave: Metodologías cualitativas, paradigmas, Sociología de las Profesiones, Enfermería, Identidad Profesional.

Introdução

Dado o contexto social e econômico de crise na atualidade, destaca-se a precedência do trabalho na construção da identidade profissional, em que pese a existência de uma variedade de identidades pessoais, como familiar, amorosa, religiosa e outras (Dubar, 2005).

A identidade profissional da enfermeira aparece como objeto de estudo constante na literatura científica latino-americana desde aproximadamente 1993, dando mostras de que vem sofrendo alterações, acompanhando a conjuntura histórico-social em que a profissão desenvolveu-se. Entretanto, passados mais de 100 anos da profissionalização da Enfermagem, a identidade da enfermeira continua marcada por estereótipos ligados ao cuidado materno, sacerdócio, submissão à Medicina e até mesmo pela falta de clareza das próprias enfermeiras no que se refere ao seu



trabalho específico: o cuidado individual e coletivo (Borges & Silva, 2010; Gomes; 2002, Huarcaya, 2003).

O fenômeno das profissões começou a ser estudado no século XIX, quando os primeiros sociólogos concebiam as atividades e as associações profissionais como continuidade da prática comunitária dos ofícios e as profissões como formas superiores de organização social decorrentes do desenvolvimento e da modernidade (Rodrigues, 1997).

Somente na década de 1930 as profissões passaram a se constituir objeto de estudo da Sociologia, fundando o campo da Sociologia das Profissões, na conjuntura social, econômica e política da Segunda Guerra Mundial que contribuiu para o surgimento de novos grupos profissionais (Rodrigues, 1997; Gonçalves, 2008).

A Sociologia das Profissões teve suas bases epistemológicas associadas à busca de respostas para as seguintes questões: O que é uma profissão? Como uma ocupação torna-se uma profissão? Qual a função social da profissão? Quais as implicações do desenvolvimento de uma profissão? (Rodrigues, 1997).

O presente estudo, de natureza bibliográfica, teve por objetivo identificar possibilidades investigativas para a identidade profissional da enfermeira a partir da Sociologia das Profissões.

Sociologia das profissões: breve retrospectiva histórica

A leitura de autores que sintetizaram as tendências encontradas na história da disciplina torna evidente a pluralidade e a inconstância dos quadros teórico-metodológicos utilizados na abordagem do fenômeno das profissões, sendo identificados quatro períodos na história da disciplina: 1) definição do campo de análise ou a procura de um modelo (1930-1960); 2) crítica e reabilitação das profissões (1960-1970); 3) o poder das profissões e a pluralidade de quadros metodológicos (1970-1980); 4) abordagem sistêmica e comparativa ou à procura de modelos complexos (a partir de 1990) (Gonçalves, 2008; Rodrigues, 1997).

No primeiro período, os principais autores pautam-se no paradigma funcionalista (Carr-Saunders e Wilson, Parsons, Merton, Goode, Moore) ou no interacionismo simbólico (Hughes, Strauss e Bucher) ou ainda na junção desses dois paradigmas (Wilensky) (Rodrigues, 1997).



Os funcionalistas distinguem as ocupações das profissões, às quais atribuíam características específicas (“ideal-tipo”) e eram entendidas como fenômenos que emergiam naturalmente em resposta a necessidades sociais, estando a serviço da democracia, imbuídas de valores como altruísmo e vocação. Caracterizavam-se pela aquisição de conhecimento técnico especializado por meio da formação universitária, permitindo assim a reprodução da cultura profissional, e pela criação de associações profissionais responsáveis pela garantia da exclusividade do oferecimento do serviço por pessoas qualificadas, as quais estabeleciam e aceitavam códigos de conduta e ética (Dubar, 2005; Gonçalves, 2008; Rodrigues, 1997).

Para os funcionalistas, os profissionais organizavam-se em comunidades que compartilham identidade, valores, linguagem e estatuto duradouros; controlam a si mesmos, assim como a formação e a admissão de novos membros (Rodrigues, 1997).

Para os interacionistas simbólicos, as profissões eram ocupações que adquiriam um título honorífico por meio de movimentos sociais, de forma que sua análise dirigia-se aos jogos sociais por meio dos quais um grupo ocupacional tornava-se reconhecido socialmente e passava a monopolizar certas atividades profissionais. Divergindo dos funcionalistas, consideravam que no interior de uma profissão há conflitos de interesse que implicam diversidade técnica, metodológica, tipos de clientes e conceitos de missão que acabam por determinar a criação de diferentes associações dentro do grupo. Assim, os profissionais desenvolvem identidades diferentes e entendimento próprio sobre o passado e o futuro, realizam atividades e interagem com vistas a garantir uma posição social ou institucional (Gonçalves, 2008; Rodrigues, 1997).

O grande mérito dos interacionistas simbólicos foi trazer para o centro da análise da realidade do trabalho os mecanismos de socialização profissional, por mobilizar a personalidade individual e a identidade social da pessoa (Rodrigues, 1997).

Wilensky (1964) procurou uma síntese integradora das perspectivas funcionalista e interacionista. Para ele, a profissão consistia em uma ocupação que detinha domínio e jurisprudência específica sobre uma determinada área do conhecimento ou atividade, distinguindo-se pelo trabalho especializado e pela aceitação das normas profissionais (Rodrigues, 1997).



Na perspectiva dos funcionalistas, o reconhecimento de uma atividade como profissão dependia principalmente da coligação dos membros e sua argumentação persuasiva “para se fazer reconhecer e legitimar mediante ações coletivas múltiplas”. Entretanto, a maior parte dos assalariados não conseguia tal legitimação, o que levaria a diferenciação entre “profissões” e “semi-profissões”. Os interacionistas tampouco se dedicaram à análise da condição dos assalariados menos qualificados (como operários e agentes administrativos), os quais ficaram a cargo da Sociologia do Trabalho.

No segundo período, ocorreu um movimento crítico na Sociologia das Profissões, caracterizado por um aguçado “discurso antiprofissional desmistificador das práticas dos profissionais” (Gonçalves, 2008; p. 181). O paradigma funcionalista foi confrontado e revisto, apoiado na denúncia de que a ética profissional consistiria numa maneira de acobertar o monopólio, o privilégio e o poder desfrutados pelos profissionais, reproduzindo, dessa maneira, modelos injustos e exploradores (Gonçalves, 2008; Rodrigues, 1997).

A emergência dessa abordagem do fenômeno profissional destacava as implicações econômicas do monopólio das associações profissionais, colocando em dúvida a generosidade e as benfeitorias do profissionalismo. Incorporou a análise das articulações profissionais dentro do sistema capitalista, do poder dos profissionais frente aos clientes, os demais profissionais e o Estado; dos monopólios profissionais, das articulações entre profissões e a estrutura de classes sociais, dos conflitos advindos da delimitação das jurisdições, da influência política das profissões na garantia dos seus próprios interesses e da “retórica legitimadora da ideologia profissional” (Rodrigues, 1997; p. 182).

Neste sentido, considerava que a própria Sociologia das Profissões teria sustentado a ideologia de que as profissões realizam atividades essenciais à vida e ao bem-estar da coletividade (Rodrigues, 1997; p. 41). Outra crítica ao estudo das profissões realizado até então é a ausência da abordagem das condições históricas sob as quais as ocupações desenvolveram-se (Rodrigues, 1997).

O terceiro período caracteriza-se pela diversidade de paradigmas, abordagens e perspectivas, com ênfase na análise do poder e dos monopólios profissionais, tendo como principais autores Johnson (1972), Larson (1977) e Freidson (1978).

Johnson (1972) afirmava que as ocupações derivavam da divisão do trabalho e que o surgimento de saberes ocupacionais especializados implicava o estabelecimento de dependência social e econômica e relações de distanciamento social



(desespecialização dos clientes). Tal distanciamento acabava por impor certo grau de incerteza na relação de produção e consumo que, para além do componente esotérico, possuía também uma intencionalidade, qual seja, o aumento da autonomia e do controle sobre a prática profissional para assim garantir seus próprios interesses políticos e econômicos (Gonçalves, 2008; Rodrigues, 1997).

Contudo, foi Freidson (1994) quem solidificou o paradigma do poder. Para ele, a profissionalização consistia num mecanismo pelo qual uma ocupação adquiria exclusividade na realização de determinado tipo de trabalho, controle sobre a formação e o acesso, assim como jurisdição sobre o próprio trabalho. Sua análise do poder baseava-se em três conceitos: autonomia técnica, expertise (monopólio de conhecimento) e gatekeeping (credencialismo ou controle institucionalizado sobre os recursos), este último sendo conferido pelas universidades, associações profissionais e o Estado (Rodrigues, 1997).

Larson (1977) dirigiu seu interesse para a análise da aquisição do monopólio de atividades que as profissões alcançaram no século XIX na Inglaterra e EUA, concluindo que tal processo ocorreu pelo fechamento de mercado a pessoas não profissionais, acrescido de legitimidade e proteção de mercado conferidas pelo Estado. Sintetizou teses marxistas e weberianas na análise das profissões: concebeu-as como grupos de interesse imersos na sociedade capitalista e entendeu a profissionalização como meio de ascensão social coletiva, por meio de ganhos financeiros, status e prestígio (Gonçalves, 2008; Rodrigues, 1997).

No quarto período predominou a abordagem sistêmica e comparativa ou à procura de modelos complexos. Seus principais autores são Abbot e Dubar, que passam a realizar a comparação histórica e espacial das profissões, na busca de explicar a complexidade e a diversidade das situações no tempo e no espaço, a identificação de modelos e o surgimento de novas problemáticas.

A obra de Abbott, intitulada *The system of professions: an essay on division of expert labor*, é considerada um marco na história da Sociologia das Profissões por centrar a análise na natureza do trabalho dos profissionais, ou seja, na prática profissional, e de que forma seus saberes e relações de negociação e conflito cooperam na defesa das jurisdições profissionais (Rodrigues, 1997; Gonçalves, 2008).

O modelo sistêmico proposto por Abbott enfatizava o sistema de conhecimento e seu grau de abstração nas profissões, considerando as variações no tempo e no espaço (contexto sociocultural). Para ele, a disputa de jurisdição envolvia três instâncias: o sistema legal, a opinião pública e as situações de trabalho. A fixação



da jurisdição compreenderia a proibição legal de outros grupos ou indivíduos de desenvolverem o trabalho (RODRIGUES, 1997).

A produção literária de Claude Dubar, sociólogo francês contemporâneo, tornou-se referência nos estudos sobre socialização e identidade profissional, destacando que somente o exercício do trabalho permite a aprendizagem dos traços profissionais específicos para aquele trabalho e que contribuem para a conformação da identidade profissional (Dubar, 2005).

Em síntese, a principal contribuição da Sociologia das Profissões tem sido a análise das transformações econômicas, sociais e culturais pelas quais as profissões e as ocupações passaram ao longo da história e que acarretam sua atual conformação no contexto das sociedades globalizadas (Gonçalves, 2008).

Tendências atuais na sociologia das profissões

A partir do final da década de 1980, começaram a ser desenvolvidos estudos históricos que consideravam aspectos culturais, políticos e econômicos, procurando comparar e criticar os diferentes padrões de profissionalização e profissionalismo na organização das profissões contemporâneas (Rodrigues, 1997).

A profissionalização passou a ser entendida a partir de uma abordagem mais dinâmica, como processo histórico, e a tônica passa a ser a busca de explicações para o sucesso de algumas ocupações. Muitos desses estudos históricos permitem observar que a organização profissional resulta de processos de negociação e conflito, com diversidade e segmentação internas, e que o profissionalismo oculta várias ideologias ocupacionais e concretiza-se a partir de ligações com a elite, por meio da presença de seus membros nos grupos profissionais (Rodrigues, 1997).

Já na década de 1990, assistiu-se a um aumento da produção sociológica sobre o fenômeno das profissões, bem como o surgimento de novas problemáticas de estudo, o que pode ser explicado por redefinição de perspectivas teóricas, definição de problemáticas próprias, reconfiguração social e política nas sociedades capitalistas e propagação dos estudos sobre grupos profissionais (Gonçalves, 2008).

O aumento da reflexão, do debate e do estabelecimento de redes internacionais de pesquisa sociológica sobre as profissões é fruto da mobilização que vem sendo empreendida pelo Research Committee 52: the sociological of professional groups" (RC52), da International Sociological Association (ISA) (Gonçalves, 2008).



Em 1990, por ocasião do 12º Congresso Mundial de Sociologia da ISA, realizado em Madrid, foi que a Sociologia das Profissões emergiu primeiramente como um grupo temático. Dois anos depois estabeleceu-se como um grupo de trabalho, sendo finalmente criado o RC52, em 1998 (Gonçalves, 2008; Isa, 2013).

O grupo tem por objetivo estimular a colaboração entre pesquisadores do campo da sociologia das ocupações/profissões ao redor do mundo, por meio da realização de conferências internacionais, debate entre estudantes de doutorado e estudiosos de profissionais recém-formados no blog: researchcommittee52.wordpress.com, publicação de artigos em periódico de livre acesso denominado "Professions and Professionalism".

Diversas temáticas têm sido abordadas no campo da Sociologia das Profissões, dentre elas o debate sobre as mudanças na natureza do trabalho dos profissionais e o profissionalismo, as mudanças nas profissões tradicionais, as novas formas de regulação do trabalho, o "accountability", as novas políticas de Estado referentes ao trabalho dos profissionais; as mudanças na profissão médica; as relações entre gênero e profissões; a reconfiguração das práticas profissionais, dentre outros (Gonçalves, 2008).

Atualmente, a produção literária da socióloga americana Julia Evetts vem enfocando as mudanças pelas quais os conceitos de profissão, profissionalização e profissionalismo vem passando, com enfoque nesse último tema. Para a autora, a dificuldade em estabelecer as diferenças entre ocupações e profissões leva a considerar esta tarefa, na atualidade, um desperdício de tempo, principalmente porque ela não ajuda na compreensão do poder que determinados grupos ocupacionais detêm na sociedade (Evetts, 2006).

Acompanhando o padrão de crescimento do interesse verificado na Europa e nos EUA sobre as profissões, também no Brasil houve um crescimento da abordagem sociológica dos grupos profissionais (Barbosa, 2003).

As primeiras publicações brasileiras surgiram no final da década de 1960, e seguiram a tendência internacional de considerar as profissões como comunidades, até que na década de 1980 amplia para análises históricas e acima dos limites do mercado (Bonelli, 1999).

Nessa mesma década, diversas teses e dissertações abordaram o fenômeno profissional e, nos anos 1990, houve a criação de um grupo de trabalho sobre profissões na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências



Sociais (ANPOCS) que passou a organizar um debate anual com sociólogos que estejam trabalhando no tema. Também nos Congressos anuais da Sociedade Brasileira de Sociologia, tem ocorrido a divulgação de trabalhos e debates em torno de um grupo de trabalho específico sobre ocupações e profissões, ampliando a visibilidade da produção e a troca de experiências sobre o tema.

Sociologia das profissões e as possibilidades para a enfermagem

O processo de construção social da identidade profissional da enfermeira decorre de seus saberes, sua história, sua inserção nas diversas instâncias políticas, bem como das relações que estabelece com os demais profissionais da área da saúde e com as pessoas a quem presta cuidados, suas famílias e a coletividades (Gomes & Oliveira, 2005). Nesse processo, significados são construídos, tendo como base as experiências pessoais, familiares, socioculturais, acadêmicas e profissionais que perpassam toda a trajetória de vida. Esse processo dinâmico de construção, desconstrução e reconstrução da identidade resulta de constantes socializações ao longo da vida (Dubar, 2005).

A identidade profissional é permeada por mudanças e desafios que a profissão vem enfrentando na atualidade, como a extinção de categorias profissionais no âmbito da Enfermagem, o aumento das exigências de qualificação profissional num mercado cada vez mais competitivo, a busca por maior participação no sistema COFEN/COREN pelos auxiliares e técnicos de enfermagem, as atuais lutas da Enfermagem (por ex., pela jornada de 30h semanais). Todas essas questões assinalam cisões e desafios que podem, por sua vez, comprometer o estabelecimento de vínculo e a prestação de cuidados de qualidade no atendimento aos usuários e suas famílias, além de influenciar as concepções que têm sobre a profissão (Camargo & Caro, 2010).

A perspectiva da Sociologia das Profissões permite analisar criticamente as concepções sobre a Enfermagem e seu papel na sociedade, que marcadamente estiveram embasadas no paradigma funcionalista à época de sua profissionalização, quando se destacava o espírito altruísta e o ideal-tipo de enfermeira.

Na construção da identidade profissional da enfermeira, nota-se um predomínio da "identidade para o outro" haja vista que o surgimento dessa profissional, tanto em nível mundial (a enfermagem inglesa) quanto nacional, esteve a cargo do Estado, que através de propagandas, emblemas, rituais, formação escolar, uniformes, objetos etc., forjou modelos e estereótipos de quem deveria ser a profissional



enfermeira, isto é, promoveu a criação do habitus dessa profissional (Barreira; 1993; Barreira, 1998).

A história da Enfermagem é perpassada ainda por questões de gênero e poder (notadamente a relação médico-enfermeira e sua segmentação interna), o movimento associativo do início do século passado e, mais recentemente, as lutas políticas travadas junto às instâncias político-legislativas brasileiras. Todas essas questões encontram campo fértil para análise a partir da Sociologia das Profissões, favorecendo a desconstrução e a reconstrução da identidade profissional da enfermeira, bem como para a assunção de um posicionamento mais proativo pelo grupo profissional no sentido de construção de si.

Considerações finais

Este artigo evidenciou que a Sociologia das Profissões apresenta-se como importante referencial teórico no campo da pesquisa em enfermagem, possibilitando a abordagem de questões concernentes à identidade profissional da enfermeira, por meio da revisitação da história da profissão, revendo antigos conceitos, seu surgimento e sua instituição como grupo profissional, seus conflitos internos e com as demais profissões, o movimento associativo do início do século passado e atual, a formação profissional e a incorporação de um habitus, dentre outros aspectos.

Referências

- Alencar, I.B. (1993). A enfermeira Ananéri no país do futuro: a aventura da luta contra a tuberculose. Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem Anna Nery, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- Alencar, I.B. (1998). A prática da enfermagem no Brasil: a enfermeira de saúde pública dos anos 20. *Texto Contexto Enfermagem*. 7(1), p. 42-57, jan/abr;
- Barbosa, M.L.O. (1998). Para onde vai a classe média: um novo profissionalismo no Brasil? *Tempo Social; Revista de Sociologia da USP*, S. Paulo, 10(1): 129-142, maio. Retirado de: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v10n1/a09v10n1.pdf>
- Bonelli, M. G (1999). Estudos sobre profissões no Brasil. In: *O que ler nas Ciências Sociais brasileiras*. São Paulo, Sumaré.
- Borges, M.S. & Silva, H.C.P. (2010). Cuidar ou tratar? Busca do campo de competência e identidade profissional da enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*; 63(5): 823-829, set.-out.



- Camargo B.I.L. & Caro, C.V. (2010). El papel autónomo de enfermería en las consultas. *Avances en Enfermería*; 28(1): 143-150, ene.-jun.
- Dubar C. (2009). *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Dubar, C. (2005). *A socialização: a construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo – Martins Fontes.
- Gomes, A.M.T. (2002). *A autonomia profissional da enfermagem em saúde pública: um estudo de representações sociais*. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem Anna Nery, Rio de Janeiro.
- Gomes, A.M.T. & Oliveira, D.C (2005). A auto e heteroimagem profissional do enfermeiro em saúde pública: um estudo de representações sociais. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*; 13(6), p. 1011-8.
- Gonçalves, C.M. (2008). *Análise sociológica das profissões: principais eixos de desenvolvimento*. Retirado de <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9224/2/5512000064254.pdf>.
- Huarcaya, S.S.L. (2003). *Representações sociais de estudantes de enfermagem sobre a identidade profissional da enfermeira em Trujillo – Peru*. Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem Anna Nery, Rio de Janeiro.
- International Sociological Association (2013). *Research Committee on Sociology of Professional Groups RC52*. Retirado de <http://www.isa-sociology.org/rc52.htm>.
- Rodrigues, M.L. (1997). *Sociologia das Profissões*. Celta Editora.